

# AS CONSTRUÇÕES PARALELAS

## NO CONTO "REFLUXO",

de José Saramago

Josane Fátima Barbosa\*

Quem conta um conto aumenta um ponto  
mais, outro mais, transforma, vira e  
inventa, quem conta um conto refaz.

### Resumo

Leitura do conto "Refluxo", de José Saramago, através de análise dos sinais de ironia representados por incongruências que indicam ao leitor algumas estratégias de elaboração do texto, em que se narra uma construção que acaba por referir-se à própria construção textual, revelando a sua intenção metaliterária.

O conto "Refluxo", de José Saramago, remete basicamente a dois tipos de construção: a construção do

---

\* Bolsista do CNPq de 03/92 a 02/93. Graduada do Curso de Letras da FALE/UFMG.

texto em si, com o desenvolvimento da enunciação, que constitui o próprio exercício da ironia literária; e a construção de um cemitério, cercada de várias outras construções menores que culminaram naquela maior; estas últimas ocorrem no enunciado, e vão representar a ironia retórica no texto.

As construções que ocorrem durante a montagem do cemitério geram um movimento espiralado que cria aos olhos do leitor o movimento do micro (a infra-estrutura) para o macro (as cidades que rodeiam o cemitério e este mesmo, em si, uma obra faraônica).

Considero, portanto, neste trabalho, estes dois tipos de construção que vão, por sua vez, constituir uma metaliteratura, na medida em que o texto gira sobre seu próprio eixo, ao falar de si mesmo.

#### **As oscilações entre extremos opostos**

Dentro desse movimento em espiral gerado pela construção do cemitério, são observadas oscilações de um extremo a outro. Assim, temos oposições entre dentro/fora, periferia/centro, barulho/silêncio. Na narração, este procedimento também se evidencia no ritmo que ora se apresenta acelerado, ora lento. Por exemplo, quando descreve a construção do cemitério, o narrador concede a esse fato um maior espaço no texto; ao descrever o seu declínio, o narrador utiliza um parágrafo apenas. Todas essas pequenas

oscilações vão remeter a um movimento pendular entre vida e morte, que percorre todo o texto.

É interessante observar como as construções geram vida e movimento. Quando acabam, geram o declínio e a morte. A incoerência maior surge quando o leitor se lembra de que tanta vida é gerada durante a construção de um espaço que abriga a morte, o que vai refletir a carnavalização, a ser tratada em seguida.

### **A carnavalização**

No capítulo IV do livro *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin explica que a literatura faz carnavalização quando transpõe imagens artísticas do carnaval para a literatura. Essa transposição foi ocorrendo ao longo de milênios, durante a formação dos gêneros literários. O crítico acrescenta ainda que no carnaval todos vivem uma vida às avessas, isto é, ocorre a revogação das leis, das proibições e restrições habituais: a vida e o mundo ficam invertidos. Revogam-se o sistema hierárquico e as formas de medo, devoção, etiqueta, além de todas as desigualdades hierárquicas e etárias.

Bakhtin aponta quatro categorias carnavalescas, as quais se fazem presentes no conto, através de:

1) livre contato familiar entre os homens (inexistência de desigualdades hierárquicas); no conto, essa idéia surge na operação de desenterramento, onde os ossos são misturados,

sem distinção. Existe também a pretensão de se construir um cemitério "único, central e obrigatório", em que todos seriam recolhidos igualmente;

- 2) a excentricidade (revelação de aspectos ocultos da natureza humana); no texto, temos a benevolência com que o povo acata a decisão do rei de construir um cemitério único. No início houve pequena resistência; após um certo momento, como que por encanto, o povo começou a achar a decisão sublime, real;
- 3) a familiarização (presença de *mesalliances* carnavalescas); reúnem-se no texto o sagrado e o profano, o elevado e o baixo, em oscilações, como já foi apontado;
- 4) a profanação (ocorrência de "indecências carnavalescas" representadas por paródias de textos sagrados e sentenças bíblicas); no conto, temos o fingimento do luto, durante a operação de desenterramento, que é encerrada com festa e feriado nacional. Ocorre também a exumação dos cadáveres, de forma desorganizada e leviana: "cada parte de um morto seria um morto todo".

Depois de explicitar essas categorias, Bakhtin fala de ações carnavalescas representadas pela coroação bufa e pelo posterior destronamento do rei do carnaval. O nascimento é prenhe de morte e a morte de um novo renascimento. É exatamente isso o que ocorre no conto. O tempo todo temos um narrador sempre se referindo à "pessoa real" com muita deferência e pompa. O narrador mostra todo o poder do rei

nas decisões quanto à construção do cemitério "único, central e obrigatório"; ao final, vemos um rei perdendo sua autoridade, ao ter os seus decretos burlados; ficando velho, acaba por morrer sozinho e sem as devidas pompas reais. Nesse momento, parece morrer o rei e nascer o homem.

Ainda nessa questão do carnaval, é interessante perceber o humor que percorre todo o texto, que trata de um assunto visto a princípio como sério. Não se percebe no texto um tom lúgubre e sim aparecem referências a festas quando, por exemplo, lemos: "Chegar ao cemitério já era uma aventura".

A construção do cemitério surge como a montagem de um cenário de teatro onde vão ser representados o luto, com enterros transformados em festas e, principalmente, com a encenação do poder do rei que é coroado e destronado. O declínio, no final, surge como o encerramento de um espetáculo.

### **A construção do texto**

No texto, o narrador marca sua presença logo de início, no primeiro parágrafo, fazendo uma longa digressão sobre a necessidade de princípio das coisas. Em seguida, encerra a digressão e inicia a narrativa com uma curta frase.

As aparições do narrador são feitas através de advérbios que vão alinhavando todo o texto. Não deixam de ocorrer, também, algumas demonstrações de poder, em frases como "como acaba de ser explicado", e "não compete a este relato

ocupar-se". Há, além disso, deslocamentos temporais que indicam a distância entre o narrador e os fatos narrados.

A principal marca de presença do narrador é o uso de uma voz que muda de tom durante a narração. Às vezes o ritmo é lento, outras vezes acelerado. Também é importante apontar o tom exageradamente respeitoso com que o narrador se refere ao rei, despertando logo a atenção do leitor, quando são levantadas pontas do véu, em frases como "foi baixado um decreto ferocíssimo para reconduzir as populações à obediência", e "a suprema autoridade do rei", ao lado de "apesar de ser grande a real complacência".

Através dessas repetições e incongruências, o narrador vai convidando o leitor a ler também nas entrelinhas; a ficar atento para o outro significado do que está sendo dito; convida assim o leitor a entrar no jogo da tessitura, deixando-o inquieto, não lhe permitindo uma leitura passiva.

#### **O texto como metáfora da situação política**

O narrador se refere ao rei com um respeito exagerado, que logo desperta no leitor a suspeita de fingimento. Durante todo o texto fica clara a "suprema autoridade do rei", e a aceitação dessa autoridade pelo povo.

Além desses dados, o leitor vislumbra algo que subjaz no texto e estabelece relações com uma realidade política onde há ditadura e decretos. Onde os caprichos dos governantes são cumpridos com o sacrifício da vida do povo e com grande

derrama de dinheiro público. E, como diz o narrador, "Quanto ao povo haveria de habituar-se". É possível dizer que aparece aqui uma advertência a esse leitor tão passivo quanto alienado de sua realidade social. Não se vê no texto uma população questionadora; mas surge uma chance de mudar essa realidade quando, ao final, apesar do "decreto ferocíssimo", há burla e a lei não é cumprida.

É importante notar a forma como o rei é tratado. Ele é coroado e destronado, mas o narrador não o ridiculariza no destronamento. Ao contrário, o narrador preserva a dignidade desse rei. Parece tratá-lo com carinho quando, no último parágrafo, reforça a idade avançada do rei. A figura real aparece humanizada, perdendo, no final, sua aura de figura divina. Deixa de ser rei para morrer como homem. Dessa forma, o narrador parece estar dizendo a todos os governantes prepotentes que eles também são homens como os homens que estão sob o seu governo. São apenas homens tanto quanto todos os outros, com o mesmo direito à vida e à morte. Aliás, a morte aparece como fator igualador de toda a humanidade.

#### **O metatexto - Conclusão**

Pensando no conto "Refluxo" como um metatexto, é possível juntar enunciado e enunciação quando percebemos que a construção do cemitério é a construção do texto. Portanto, o cemitério é um texto. Durante a leitura, percebemos como

as construções geram vida. Assim também é o texto literário, que está morto no papel, mas gera vida a cada nova leitura.

No conto, não há um ponto final. O tom do último parágrafo é diferente do tom do texto. É como se fosse uma outra estória em separado, que tanto pode ser um fecho do texto como pode ser uma estória em si, de um rei velho que morre, como pode, ainda, ser o início de uma outra estória. Como exemplo, basta lembrar o texto do *Memorial do convento*, que parece uma retomada, uma ampliação deste conto, um seu desdobramento. O último parágrafo do conto parece ser móvel, ora independente, ora conectado.

Dessa forma, o próprio texto se auto-refere, e ainda anula seu ponto final, apresentando-se como um fio ao qual será atada uma outra ponta.

### **Bibliografia**

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

SARAMAGO, José. "Refluxo". In: *Objecto quase*. Lisboa: Moraes, 1977.